O crime do padre Amaro, scenas da vida devota

Eça de Queirós

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

O crime do padre Amaro, scenas da vida devota

Eça de Queirós

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at https://www.pgdp.net (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Nota de editor: Devido à quantidade de erros tipográficos existentes neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Abril 2010)

O CRIME

DO

PADRE AMARO

Obras do mesmo auctor:

Os Maias. 2 grossos volumes. 2$000

O Crime do Padre Amaro. Terceira edição inteiramente refundida, recomposta, e differente na fórma e na acção da edição primitiva. 1 grosso volume. 1$200

O Primo Bazilio. Segunda edição. 1 grosso volume. 1$000

A Reliquia. 1 grosso volume. 1$000

O Mandarim. Segunda edição. 1 volume. 500

No prelo:

Correspondencia de Fradique Mendes. 1 volume.

EÇA DE QUEIROZ

O CRIME

DO

PADRE AMARO

SCENAS DA VIDA DEVOTA

TERCEIRA EDIÇÃO

Inteiramente refundida, recomposta, e differente na fórma e na acção da edição primitiva

PORTO

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON

Casa editora

LUGAN & GEMELIOUX, Successores

1889

Todos os direitos reservados

Porto: Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70

NOTA

(DA 2.ª EDIÇÃO)

O Crime do Padre Amaro recebeu no Brazil e em Portugal alguma attenção da Critica, quando foi publicado ulteriormente um romance intitulado--O Primo Bazilio. E no Brazil e em Portugal escreveu-se (sem todavia se adduzir nenhuma prova effectiva) que O Crime do Padre Amaro era uma imitação do romance do snr. E. Zola--La Faute de l'Abbé Mouret; ou que este livro do auctor do Assomoir e de outros magistraes estudos sociaes suggerira a idéa, os personagens, a intenção do Crime do Padre Amaro.

Eu tenho algumas razões para crêr que isto não é correcto. O Crime do Padre Amaro foi escripto em 1871, lido a alguns amigos em 1872, e publicado em 1874. O livro do snr. Zola, La Faute de l'Abbé Mouret (que é o quinto volume da série Rougon Macquart), foi escripto e publicado em 1875.

Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) eu considero esta razão apenas como subalterna e insufficiente. Eu podia, emfim, ter penetrado no cerebro, no pensamento do snr. Zola, e ter avistado, entre as fórmas ainda indecisas das suas creações futuras, a figura do abbade Mouret,--exactamente como o veneravel Anchises no valle dos Elyseos podia vêr, entre as sombras das raças vindouras fluctuando na nevoa luminosa do Lethes, aquelle que um dia devia

ser Marcellus. Taes coisas são possiveis. Nem o homem prudente as deve considerar mais extraordinarias que o carro de fogo que arrebatou Elias aos céos--e outros prodigios provados.

O que, segundo penso, mostra melhor que a accusação carece de exactidão, é a simples comparação dos dois romances. La Faute de l'Abbé Mouret é, no seu episodio central, o quadro allegorico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no amor. O abbade Mouret (Sergio), tendo sido atacado d'uma febre cerebral, trazida principalmente pela sua exaltação mystica no culto da Virgem, na solidão d'um valle abrazado da Provença (primeira parte do livro), é levado para convalescer ao _Paradou_, antigo parque do seculo XVII a que o abandono refez uma virgindade selvagem, e que é a representação allegorica do Paraiso. Ahi, tendo perdido na febre a consciencia de si mesmo a ponto de se esquecer do seu sacerdocio e da existencia da aldeia, e a consciencia do universo a ponto de ter medo do sol e das arvores do _Paradou_ como de monstros estranhos--erra, durante mezes, pelas profundidades do bosque inculto, com Albina que é o genio, a Eva d'esse logar de legenda; Albina e Sergio, semi-nús como no Paraiso, procuram sem cessar, por um instincto que os impelle, uma arvore mysteriosa, da rama da qual cae a influencia aphrodisiaca da materia procreadora; sob este symbolo da Arvore da Sciencia se possuem, depois de dias angustiosos em que tentam descobrir, na sua innocencia paradisiaca, o meio physico de realisar o amor; depois, n'uma mutua vergonha subita, notando a sua nudez, cobrem-se de folhagens; e d'ahi os expulsa, os arranca o padre Archangins, que é a personificação theocratica do antigo Archanjo. Na ultima parte do livro o abbade Mouret recupera a consciencia de si mesmo, subtrae-se á influencia

dissolvente da adoração da Virgem, obtem por um esforço da oração e um privilegio da graça a extincção da sua virilidade, e torna-se um asceta sem nada d'humano, uma sombra cahida aos pés da cruz; e, é sem que lhe mude a côr ao rosto que asperge e responsa o esquife de Albina, que se asphyxiou no _Paradou_ sob um montão de flôres de perfumes fortes.

Os criticos intelligentes que accusaram O Crime do Padre Amaro de ser apenas uma imitação da Faute de l'Abbé Mouret não tinham infelizmente lido o romance maravilhoso do snr. Zola que foi talvez a origem de toda a sua gloria. A semelhança casual dos dois titulos induziu-os em erro.

Com conhecimento dos dois livros, só uma obtusidade cornea ou má fé cynica poderia assemelhar esta bella allegoria idyllica, a que está misturado o pathetico drama d'uma alma mystica, ao Crime do Padre Amaro que, como podem vêr n'este novo trabalho, é apenas, no fundo, uma intriga de clerigos e de beatas tramada e murmurada á sombra d'uma velha Sé de provincia portugueza.

Aproveito este momento para agradecer á Critica do Brazil e de Portugal a attenção que ella tem dado aos meus trabalhos.

Bristol, 1 de janeiro de 1880.

Eça do Queiroz.

O CRIME

DO

PADRE AMARO

I

Foi no domingo de Paschoa que se soube em Leiria que o parocho da Sé, José Migueis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia. O parocho era um homem sanguineo e nutrido, que passava entre o clero diocesano pelo _comilão dos comilões_. Contavam-se historias singulares da sua voracidade. O Carlos da Botica--que o detestava--costumava dizer, sempre que o via sahir depois da sésta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

--Lá vai a giboia esmoer. Um dia estoura!

Com effeito estourou, depois d'uma ceia de peixe--á hora em que defronte, na casa do dr. Godinho que fazia annos, se polkava com alarido. Ninguem o lamentou, e foi pouca gente ao seu enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão; tinha os modos e os pulsos d'um cavador, a voz rouca, cabellos nos ouvidos, palavras muito rudes.

Nunca fôra querido das devotas: arrotava no confessionario; e, tendo vivido sempre em freguezias da aldeia ou da serra, não comprehendia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera por isso, logo ao principio, quasi todas as confessadas, que tinham passado para o polido padre Gusmão, tão cheio de _labia_!

E quando as beatas, que lhe eram fieis, lhe iam fallar de escrupulos, de visões, José Migueis escandalisava-as, rosnando:

--Ora historias, santinha! Peça juizo a Deus! Mais miôlo na bola!

As exagerações dos jejuns sobretudo irritavam-no:

--Coma-lhe e beba-lhe, costumava gritar, coma-lhe e beba-lhe, creatura!

Era miguelista--e os partidos liberaes, as suas opiniões, os seus jornaes enchiam-no d'uma cólera irracionavel:

--Cacete! cacete! exclamava, meneando o seu enorme guardasol vermelho.

Nos ultimos annos tomára habitos sedentarios e vivia isolado--com uma criada velha e um cão, o _Joli_. O seu unico amigo era o chantre Valladares que governava então o bispado, porque o senhor bispo D. Joaquim gemia, havia dois annos, o seu rheumatismo n'uma quinta do alto Minho. O parocho tinha um grande respeito pelo chantre, homem sêcco, de grande nariz, muito curto de vista, admirador d'Ovidio--que fallava fazendo sempre boquinhas e com allusões mythologicas.

O chantre estimava-o. Chamava-lhe _Frei Hercules_.

--_Hercules_ pela força, explicava sorrindo, _Frei_ pela gula.

No seu enterro elle mesmo lhe foi aspergir a cova; e, como costumava offerecer-lhe todos os dias rapé da sua caixa d'ouro, disse aos outros conegos, baixinho, ao deixar-lhe cahir sobre o caixão, segundo o ritual, o primeiro torrão de terra:

--É a ultima pitada que lhe dou!

Todo o cabido riu muito com esta graça do senhor governador do bispado; o conego Campos contou-a á noite ao chá em casa do deputado Novaes; foi celebrada com risos deleitados, todos exaltaram as virtudes do chantre, e affirmou-se com respeito--_que sua

excellencia tinha muita pilheria!_

Dias depois do enterro appareceu, errando pela Praça, o cão do parocho, o _Joli_. A criada entrára com sezões no hospital; a casa fôra fechada; o cão, abandonado, gemia a sua fome pelos portaes. Era um gôso pequeno, extremamente gordo,--que tinha vagas semelhanças com o parocho. Com o habito das batinas, avido d'um dono, apenas via um padre punha-se a seguil-o, ganindo baixo. Mas nenhum queria o infeliz _Joli_; enxotavam-no com as ponteiras dos guardasoes; o cão, repellido como um pretendente, toda a noite uivava pelas ruas. Uma manhã appareceu morto ao pé da Misericordia; a carroça do estrume levou-o e, como ninguem tornou a vêr o cão na Praça, o parocho José Migueis foi definitivamente esquecido.

Dois mezes depois soube-se em Leiria que estava nomeado outro parocho. Dizia-se que era um homem muito novo, sahido apenas do seminario. O seu nome era Amaro Vieira. Attribuia-se a sua escolha a influencias politicas, e o jornal de Leiria, _A Voz do Districto_, que estava na opposição, fallou com amargura, citando o Golgotha, no _favoritismo da côrte_ e na _reacção clerical_. Alguns padres tinham-se escandalisado com o artigo; conversou-se sobre isso, acremente, diante do senhor chantre.

--Não, não, lá que ha favor, ha; e que o homem tem padrinhos, tem, disse o chantre. A mim quem me escreveu para a confirmação foi o Brito Correia (Brito Correia era então ministro da justiça). Até me diz na carta que o parocho é um bello rapagão. De sorte que--acrescentou sorrindo com satisfação--depois de _Frei Hercules_ vamos talvez ter _Frei Apollo_.

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com